



Filosofia e Informação

Eunice Escosteguy

Resumo: O tema principal deste trabalho é o conceito de informação e o campo de estudo é a Filosofia. O objetivo geral é apresentar um histórico bibliográfico da busca pelo “princípio primeiro”. O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, de onde se obteve uma importante documentação sobre o tema, concluindo-se com as novidades científicas aportadas pela Ciência Ontopsicológica.

Palavras-chave: matéria; forma; energia; vontade; informação.

Philosophy and Information

Abstract: The main subject in this work is the concept of information. The field of study is Philosophy. The general object is to present a bibliographical historic the search of “first principle”. The method used was bibliographic search, getting an important documentation of this subject, concluding with the scientific news of the ontopsychology science.

Keywords: matter; form; energy; will; information.

Filosofía e Información

Resumen: El tema principal en este trabajo es el concepto de información. El campo de estudio es la filosofía. El objeto general es presentar una búsqueda bibliográfica histórica de "primer principio". El método utilizado fue la búsqueda bibliográfica, obteniendo una importante documentación de este tema, concluyendo con la noticia científica de la ciencia ontopsicológica.

Palabras clave: materia; formar; energía; será; información.

1 Introdução

Em uma época em que alguns homens da Magna Grécia lançaram as bases da ciência ocidental, das quais, muitas delas, a ciência moderna vem confirmando até hoje; a Filosofia era a Ciência por excelência, ou, ainda melhor, Filosofia e Ciência eram sinônimos e caminhavam juntas. Todas as outras, como a Física, eram derivações, ou apenas ramos da Filosofia.

“Conta-se que Pitágoras, interrogado sobre quem fosse, não se definiu σοφός, e sim φιλοσοφός, amante da σοφία” (MENEGETTI, 2009, p. 173).

Pitágoras de Samos (aprox. 570-497/496 a.C., cuja escola perdurou até o século IV a.C.), apresentava-se aos seus alunos sempre vestido com túnica branca, simbolizando pureza. O acesso a sua escola era muito difícil, pois nos primeiros estágios ele exigia de seus discípulos a completa afasia (estado na qual era proibido

pronunciar qualquer palavra) e isso poderia durar muito tempo, privilegiando o escutar, também era *conditio sine qua non* a castidade, dado que seus seguidores deveriam doar-se de corpo e alma à Filosofia. Tais ensinamentos pareciam basear-se em graus de ensinamento crescentes: partindo de “*ακουσματα*” (coisas escutadas), noções de introdução aos números, formas geométricas, e ainda preceitos comportamentais claros e diretos – evitar exageros, por exemplo, também na alimentação, deveria comer-se pouco – à “*μαθηματα*”, objetos de aprendizagem mais altos, como disciplinas de matemática, com a sua respectiva mística e doutrina escatológica.

Em estreita ligação com a doutrina pitagórica estava o orfismo – teogonia e cosmogonia na qual no início de tudo existia uma unidade perfeita, o ovo primordial ou noite, o qual, partindo-se da origem de seus separados, fato que necessitará um ciclo de reintegração das partes na unidade do todo, desembocando na teoria da salvação – contemporâneo ao pitagorismo. A tese de Pitágoras era que os números constituem o princípio e a essência de todas as coisas.

Os primeiros filósofos eram denominados sofistas, do grego σοφοσ, sábio, sapiente e, sendo estes hábeis oradores, já começavam a instrumentalizar seus discursos como “arte de persuasão”, sobretudo para fins políticos, nem sempre levando em consideração a verdade absoluta dos fatos, mas uma mentira que serviria a uma causa maior, essa sim pelo menos considerada uma verdade do ser. Então, Pitágoras define-se como alguém que não se julgava necessariamente detentor da verdade com base ontológica, mas apenas um amante desta.

“A palavra grega que designa sábio origina-se etimologicamente de *sapio* – “eu saboreio”, *sapiens* – “o saboroso”, *sysifhos* – “o homem com gosto mais picante” (NIETZSCHE, 2011, p. 45). “Na língua latina existe o termo *sapiens* (= sapiente) – participio presente do verbo ‘saber’, que significa seja conhecer, seja ter sabor – que indica que o ente é gostoso, o sapiente é aquele que se atualiza no prazer do ser” (MENEGETTI, 2009, p. 173).

Dessa forma, o tema principal deste trabalho é o conceito de “informação” e o campo de estudo é a Filosofia. O objetivo geral é apresentar um histórico bibliográfico da busca pelo “princípio primeiro”. O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, de onde se obteve uma importante documentação sobre o tema, concluindo-se com as novidades científicas aportadas pela Ciência Ontopsicológica.

2 Fundamentação Teórica

Os gregos, filósofos, que se indagavam, perguntavam e se preocupavam com as causas últimas das coisas, as verdadeiras origens, mas principalmente homens que buscavam sempre explicações lógicas e racionais para compreender a fundo as próprias vidas, a natureza, o espaço, até deus, não mais se contentavam com as explicações existentes até então.

É Tales de Mileto (aprox. 625-547 a.C.), da pequena cidade colônia grega Mileto, “o primeiro destes filósofos a olhar para o mundo e não ver ali um Zeus, uma Hera, um Poseidon, mas a água!” (NIETZSCHE, 2011, p. 7). Surge, então, a assim chamada filosofia pré-socrática, até hoje considerada o fundamento da Filosofia ocidental. Cai por terra a formulação mitológica da visão de mundo e se inicia a pura Filosofia. “Em outras palavras, esses homens souberam encarar a natureza – a *physis* – pela primeira vez como objeto em si, e não como mero “disfarce, máscara ou metamorfose” de uma realidade divina, antropomorfizada” (NIETZSCHE, 2011, p. 7).

Segundo chega-nos até hoje, o primeiro filósofo não escreveu uma linha sequer. Conhece-se sua escola, a Escola Jônica de Mileto, e seu pensamento através de seus alunos (Anaximandro e Anaxímenes) e de algumas citações posteriores que podem ter sido extraídas de originais. Com Tales inicia-se a Filosofia com a proposição que é “a água” o “*αρχη*” ou “*arché*”, princípio, comando, modelo, elemento primordial único e princípio de todas as coisas.

As formas de saber próprias do Egito, Pérsia, Índia, celtas do norte e hebreus, não obstante as diferenças da nova civilização ocidental¹, exerceram assim uma importante influência no nascimento da Filosofia ocidental, nota-se não só em Tales e Pitágoras, mas também em outros pioneiros.

Com o advento dos primeiros filósofos inicia-se a passagem lenta e gradual do mito ao “*λογος*”, pois pelo menos até Platão nota-se ainda a presença do lançar mão da alegoria mitológica como instrumento didático, linguagem enraizada no imaginário popular grego.

¹ Por exemplo, na política, no oriente existiam as monarquias, na magna Grécia havia a independência de cada cidade, muitas democráticas, onde muitos cidadãos podiam participar ativamente das decisões, do poder; quanto à língua, mesmo havendo muitos dialetos, a língua grega permite alcançar altos níveis de abstração, permitindo inclusive o nascimento do conceito de “autor”; grande diversidade de crenças religiosas, enquanto no oriente existiam as religiões das divindades, na Grécia não havia nessa época um livro sacro ou um centro de poder religioso, e sim os mitos.

Foi Aristóteles o primeiro filósofo/estudioso a “catalogar” os ensinamentos e pensamentos dos filósofos anteriores a ele, tarefa hoje impossível, com base na forma mais alta do saber – o conhecimento das causas – e pelas suas pesquisas sobre a natureza. Os pré-socráticos ocupavam-se das causas e origens da natureza: a “φυσιο”. Os “φυσιολογος” ou fisiólogos ou físicos aparentemente acusavam em um elemento material a geração e formação de todas as outras coisas – mesmo quando chegavam à conclusão que junto à matéria havia a presença de uma realidade imaterial – como atesta a famosa frase atribuída ao próprio Tales: *“Tudo está cheio de deuses”*.

Havia também, naquela época em que se iniciou a presença dos filósofos que se ocupavam da Física e da Metafísica, a grande influência dos “adivinhos” bem como dos poetas. Também é preciso levar em conta a situação geográfica. A antiga cidade de Mileto, na época, era uma rica cidade colônia grega, importante e rico polo mercantil, portal com o oriente, onde se desenvolveu, por se tratar de uma cidade aberta, a beira mar, democrática, uma troca comercial e, sobretudo, cultural com o oriente, principalmente com os impérios persa, egípcio e babilônico. Lugar de multietnias, rico, fértil e fecundo que recebia muitos estrangeiros, havia muito comércio.

Tais metafísicos partiam de observações empíricas, “a especificidade da filosofia: a observação”. Tales deu-se conta que da água, ou melhor, do úmido, originavam-se todas as outras coisas: o recém-nascido vem da água, a semente germina na terra quando chove, etc. A água é a origem da vida. Tales, filósofo, matemático, engenheiro, construtor, astrônomo, viajante, empresário – conta-se que graças aos seus estudos no desenvolvimento da ciência matemática, fez precisos cálculos astronômicos, os quais permitiram que ele fizesse a previsão de anos de excelente colheita, adquirindo assim uma fração de terra própria ao cultivo de oliveiras, obtendo uma farta colheita, conseguindo grandes lucros. Foi famoso por suas previsões astronômicas, desvendou o eclipse solar, que até então era explicado como um sinal de raiva dos deuses, que não estariam contentes com os procedimentos humanos. Tais previsões, claro, renderam muita fama, respeito e reconhecimento a Tales, mas também muitos problemas, devido à velha resistência de alguns conservadores.

Seu discípulo, Anaximandro de Mileto, talvez possa ser considerado como o típico exemplo do discípulo que supera o mestre, muito embora permaneça “oficialmente” apenas Tales como um dos sete grandes sábios da humanidade. Anaximandro, partindo também de observações, chega à conclusão que não é a água o

princípio único de todas as coisas e sim o que ele denomina, em grego, “απειρον”, ou seja, “ilimitado”. O *apeiron* é o *arché*, a partir deste geram-se todas as coisas e em primeiro lugar os contrários, calor e frio, seco e úmido – e, portanto também a água de Tales seria originada a partir do *apeiron* – e cada coisa é caracterizada pelo limite e, segundo aquele que é considerado o mais antigo fragmento da literatura filosófica grega: onde os seres humanos têm origem, também têm a destruição segundo a necessidade, porque esses “pagam uns aos outros a pena e a expiação da injustiça segundo a ordem do tempo”.

Com Heráclito aparece pela primeira vez o “λογος” ou *logos* – do qual “logia”, discurso, descrição, estudo, *racionalidade* – ou melhor, a ontologia, contemporaneamente a Parmênides de Eleia, e destes felizmente chegaram até nós diversos fragmentos de suas obras. O filósofo do “devir” era polêmico. Antidemocrático, dividia os homens em duas categorias: os que dormiam, pois não tinham alcançado determinado grau de consciência, e os que já estavam acordados, e estes últimos eram, de fato, muito poucos, sendo basicamente os filósofos.

Eremita, que se isola na montanha comendo apenas ervas, adocece e constata em seu corpo uma aumento exagerado de líquido. Seguramente uma personalidade como a dele jamais procuraria um médico, que filósofo seria ele se ele mesmo não soubesse a causa de sua doença e a respectiva cura. Aliás, considerava os médicos pessoas não confiáveis. Manda fazer um buraco na terra e se enterra, permanecendo apenas com a cabeça para fora. Claro, como para ele o *arché* era o fogo, elemento único e primordial, a partir do qual todo o universo teria origem, base de sua filosofia da colisão entre opostos, executa a sua própria cura: a terra secará a água de seu corpo. Pede também que coloquem esterco de vaca próximo a sua cova, pois assim ele secaria mais rápido. Não deu certo. Seus colaboradores o abandonaram a própria sorte, até mesmo porque, segundo ele próprio, “um acordado vale por 1.000 dormidos”, e, segundo nos chega até hoje, sua cabeça foi comida por cachorros. Disse Heráclito: “eu indaguei só a mim mesmo” (MENEGHETTI, 2008, p. 64).

A metáfora era: o ser é como um rio, no qual é impossível que nos banhemos duas vezes nas mesmas águas. A origem de tudo é o fogo. E o devir dá-se sempre através da luta (πολεμος = guerra), entre opostos: o devir de todas as coisas é o resultado do perene conflito que a tudo pertence e origina a permanente transformação: παντα ρει. Heráclito afirmava que tudo era uma constante mudança, “παντα ρει”, tudo

escorre. Parmênides, por sua vez, afirma que tem algo, sim, que não muda nunca, existe um motor imóvel, o Ser, “o Ser é, o não Ser não é”.

Seguindo o percurso lógico de Tales e Anaximandro, ou de Heráclito e Parmênides, água ou *apeiron*, fogo ou o ser, partiremos da *matéria*. Creio ser este um dado de fato irrefutável. Todos nós, seres humanos, possuímos um corpo. Constatamos, através da observação, que o universo a nossa volta também é composto de materialidade. As árvores, as edificações, até o vento, possuem as suas moléculas de oxigênio, o sol, hélio, etc. Mas, focando no homem, mesmo considerando, por exemplo, a realidade do ser humano em hospitais psiquiátricos, os afetos de esquizofrenia manifesta perdem muitas vezes a consciência corpórea. Porém, é um fato que não condiz com as suas realidades e, muitas vezes, até mesmo nós vivemos por minutos, horas, às vezes durante anos, com o cérebro parcialmente destacado de nosso organismo, percebendo estímulos mais agudos, como dores, fome, sede, mas não nos damos conta de tantos outros estímulos provenientes de todas as partes do nosso corpo.

Quem tem razão? Talvez seja somente o eterno seguir-se da história do *arché* ser a água ou o “*απειρον*”, talvez tudo mude porque na base exista um motor imóvel que sustenta tais mudanças. Mesmo Platão, quando dizia que a materialidade é apenas uma ilusão, afirmava que real era a ideia do corpo que estava no hiperurânio, não negligenciava a matéria. Afirmava apenas, talvez, o que seu discípulo, Aristóteles, descobrira por outros meios, que não existe corpo sem forma, a realidade é hilemórfica, mas o que realmente conta e faz diferença para a vida é a alma.

A palavra matéria, “em sua origem latina, deriva de “*mater*”, no sentido de substância da qual é feito o tronco da árvore” (ZINGARELLI, 2016, p. 613). Do grego, matéria deriva de “*υλη*” (*ylé*), matéria, madeira. Portanto, a partir da análise etimológica da palavra já se pode constatar o seu significado de “fenomenologia” de outro, isto é, indica uma parte da estrutura física, no caso a madeira do tronco, e não toda a árvore. Rastreia-se então que o significado de matéria, pelo menos como entendiam os criadores de nossas línguas, como uma parte que aparece e “edifica”, mas não é o todo em questão.

Ora, se matéria pode ser entendida como apenas o material, no caso a madeira do qual é feito o tronco das árvores, o que poderia distinguir uma árvore da outra? E ainda, qual diferença teria um tronco de árvore seco e outro no qual circula a seiva? A esse ponto surge o conceito atávico de *alma*. Do “grego “*ανεμος*”, sopro, movimento”

(MENEGETTI, 2001, p. 15). Também o antigo conceito grego de psique “ψυχη (verbo) sopra, respiro” (MENEGETTI, 2001, p. 190), é equivalente ao conceito de alma. Ao nominar força, desencadeia-se o conceito de *energia*, εν εργον, onde “en” significa contemporaneamente direção, o dentro, e também é iniciativo do verbo grego “ειμι”, que significa ser” (MENEGETTI, 2015, p. 26). Ou seja, energia pode ser definida como o dentro do trabalho do ser. A energia psíquica é a mais alta forma de energia. Forma, “do latim forma, modelo, marca, desenho, figura” (MENEGETTI, 2001, p. 83), é, portanto, uma modalidade de aplicar a energia. A atividade psíquica é a energia que depois formaliza todas as outras conhecidas e estudadas pela Física propriamente dita, energias potencial, cinética, gravitacional, elétrica, eletromagnética, etérica, somática (matéria), etc.

Da matéria deduzimos um princípio que anima, dá ou tira vida, a alma, equivalente de psique, que por sua vez é energia, a qual é regida por uma forma. E na relação matéria e forma, matéria e energia, sabe-se já que ambas as relações são incindíveis, não existe, não é pensável a matéria sem a forma ou a forma sem a matéria, bem como a energia sem a matéria, ou a matéria sem a energia, considerando, dessa forma, que forma e energia são incindíveis. Aristóteles e Einstein sustentam tais afirmações.

Mas se a realidade não é só corpuscular e nem só ondulatória, se, por exemplo, o ser humano é constituído por uma triplicidade energética (somática, etérica e psíquica) o que faz a “conversão” de uma forma para a outra? Qual é a passagem entre o ser e a existência? A água contém o *apeiron*, e o *apeiron* contém a água? O ser é fogo ou é motor imóvel?

3 Resultados e Discussão

Para Aristóteles todos os homens tendiam à sapiência, σοφια, a forma mais alta de saber. “A sapiência é o conhecimento das causas” (ARISTOTELES, 2011, p. 3). “Portanto, disto que acima se disse, resulta evidente que todos os filósofos parecem ter buscado as causas estabelecidas por nós na *Física*!, e que não se pode falar de alguma outra causa fora destas” (ARISTÓTELES, 2011, p. 65).

As causas pesquisadas pela sapiência são as causas primeiras: a sapiência é o conhecimento das causas e dos princípios. A σοφια é a ciência das causas primeiras.

Para Aristóteles, o Uno de Parmênides, o Ser, é o conceito mais próximo do que ele individua como forma, ou seja, a causa formal e a Filosofia, a Metafísica é a ciência da verdade e esta coincide com a ciência das causas supremas.

A Ontopsicologia descobriu “uma unidade de ação que emana específicos sinais de identidade” ou informação elementar ou Em Si ôntico. No termo “informação”, a partícula “*in*” indica contemporaneamente direção e ente, dentro e Ser; “*forma*”, modo interno que especifica e diferencia uma coisa da outra; “*ação*” ato. Portanto, informação é o ente, é ação com forma. É o modo do ente em si em relação. “A intenção é a forma vetorial em” (MENEGHETTI, 2015, p. 84). “É o ser que faz vontade específica ao próprio ato” (MENEGHETTI, 2015, p. 27).

A palavra “vontade”, “do latim *voluntas*, “*volō*” = quero, “*vis + olos*”, vis = força, vida, energia e olos = todo, conjunto; “*ov, on*”, “*οντος, ontos*” particípio presente do verbo εἰμι = ser e “*το (θητημι), thitemi*” = dar lugar: é a força (toda reunida) que atua o ato completo ao escopo total” (MENEGHETTI, 2015, p. 26).

5 Considerações Finais

Quando Husserl (2012) afirma: “a tarefa que o filósofo se propõe, a meta da sua vida como filósofo: ciência universal do mundo, saber universal e definitivamente válido, universo de verdades em si [acerca] do mundo, do mundo em si. Que é esta a meta, qual a sua acessibilidade?” (HUSSERL, 2012, p. 214).

Meneghetti (2015) afirma que não existe nenhuma partícula elementar. O princípio da matéria é sempre uma informação. A informação não se pode ver, mas se pode saber, a matéria é uma adaptação à causalidade da forma. A forma é o princípio que faz uniformação material. A forma é pensável sem matéria, mas não vice-versa. Assim, pela pesquisa de iniciação científica aqui realizada, verificamos que “*a informação é o princípio básico elementar do universo*” (MENEGHETTI, 2015, p. 137).

Referências

ARISTOTELE. *Metafísica*. 10. ed. Milano: Bompiani, 2011.

HUSSERL, E. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2012.

MENEGHETTI, A. *Dalla coscienza all'Essere. I*. Roma: Psicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. *Dizionario di Ontopsicologia*. Roma. Psicologica Editrice, 2001.

MENEGHETTI, A. *Fisicidade e Ontologia*. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MENEGHETTI, A. *Manuale di Ontopsicologia*. 4. ed. Roma: Psicologica Editrice, 2008.

MENEGHETTI, A. *Ontologia da Percepção*. Restinga Seca: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

NIETZSCHE, F. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

ZINGARELLI, N. *Lo Zingarelli minore*. Roma: Edizione Terzo Millennio-Zanichelli, 2016.